



CARAVANA FORMATIVA DIGITAL





Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Erwin Kräutler

Diretora Executiva: Ir. Maria Irene Lopes

Analista de Comunicação: Ana Caroline Lira

Coordenador da Caravana Formativa Digital: Paulo H. Martins

Projeto Gráfico e Diagramação: Vilma Baldin

Autores: Ima Vieira, Justino Sarmento, Márcia Oliveira e Ricardo Castro

Revisão: Renato Thiel

Imagens da capa: Shutterstock, Mídia Ninja e Pixabay

Realização

REPAM-Brasil

Brasília-DF, 2021

1ª edição





ÍNDICE

Novos caminhos para a Igreja: um projeto à luz do Documento Final do Sínodo para

a Amazônia 4

Conversão Integral e Conversão Pastoral 5

Conversão Cultural 11

Conversão Ecológica 16

Conversão Sinodal 20

***Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco* 23**

Sonho Social 24

Sonho Cultural 29

Sonho Ecológico 35

Sonho Eclesial 37

Direitos dos povos da Amazônia à luz do Sínodo 40

Direitos dos povos nos documentos do Sínodo..... 41



**Novos caminhos para a Igreja:
um projeto à luz do Documento Final
do Sínodo para a Amazônia**



Novos caminhos para a Igreja:
um projeto à luz do Documento Final
do Sínodo para a Amazônia

Conversão Integral e Conversão Pastoral – chaves de leitura

Márcia Oliveira¹

Nesta primeira etapa da Caravana da Formação neste Processo Pós-Sinodal é importante fazer MEMÓRIA de todo o processo sinodal que nos proporcionou escutar os clamores e conhecer as lutas e as esperanças dos povos da Amazônia.

O Sínodo Especial para a Amazônia, convocado pelo Papa Francisco, em 15 de outubro de 2017, se divide em três momentos específicos: o processo pré-sinodal, que foi todo o momento de preparação orientado pelo Documento Preparatório [roteiro da escuta] e pelo Documento de Trabalho [*Instrumentum Laboris*]; o segundo momento foi a Assembleia Sinodal ocorrida entre os dias 6 a 27 de outubro de 2019 que resultou no Documento Final; e o terceiro momento é o Processo Pós-Sinodal que segue, orientado pela Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*.

Estas três etapas marcam profundamente a caminhada da Igreja na Amazônia e a proposta deste conjunto de rodas de conversa é recordar, aprofundar e rezar a Caminhada Sinodal à luz da Palavra de Deus e dos desafios atuais.

A primeira etapa do Processo Sinodal mobilizou direta e indiretamente mais de 87 mil pessoas nos 9 países que compõem a Pan-Amazônia. Foi um tempo de escuta e de grande preparação que começou nas bases das nossas comunidades, mobilizou nossos grupos de reflexão, a juventude, a catequese, os encontros de formação, até chegar às Assembleias Territoriais realizadas nas nossas dioceses.

Durante vários meses, nos dedicamos a buscar entender quais seriam os NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL na nossa caminhada de Igreja na Amazônia. E descobrimos que esses novos caminhos de evangelização devem ser elaborados para e com o povo de Deus que habita nessa região: camponeses/agricultores, seringueiros, ribeirinhos, migrantes e deslocados, povo das cidades e grandes metrópoles e, especialmente, para e com os povos indígenas, apontados pelo Papa Francisco como importantes interlocutores da Assembleia Sinodal.

¹ - Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

Orientados e orientadas pela mensagem da Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, descobrimos que a Amazônia é uma região com rica biodiversidade, é multiétnica, pluricultural e plurirreligiosa, um espelho de toda a humanidade que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais de todos os seres humanos, dos Estados e da Igreja. E o Documento Preparatório nos ajudou a ouvir os clamores de todos os povos da Amazônia. E nossas vozes ecoaram até o Vaticano, na Assembleia Sinodal.

O Processo Sinodal contribuiu para expressar a nossa profunda consciência da dramática situação de destruição que afeta a Amazônia. Isso significa o desaparecimento do território e de seus habitantes, especialmente dos povos indígenas. A Floresta Amazônica é um “coração biológico” para a terra cada vez mais ameaçada. Descobrimos que este “coração biológico” está numa corrida desenfreada para a morte. Está cientificamente provado que o desaparecimento do bioma amazônico terá um impacto catastrófico no planeta como um todo! [Documento Final, n. 2].

O caminho sinodal do Povo de Deus na fase preparatória envolveu toda a Igreja no território, os bispos, os missionários, os membros das Igrejas de outras confissões cristãs, os leigos e muitos representantes dos povos indígenas, em torno do documento de consulta que inspirou o *Instrumentum Laboris*. Enfatiza a importância de escutar a voz da Amazônia, movida pelo sopro maior do Espírito Santo no grito da terra ferida e de seus habitantes. Foi registrada a participação ativa de mais de 87 mil pessoas, de diferentes cidades e culturas, assim como de numerosos grupos de outros setores eclesiais e as contribuições de acadêmicos e organizações da sociedade civil nos temas centrais específicos [Documento Final, n. 3].

Durante todo seu processo, o Sínodo conseguiu destacar a integração da voz da Amazônia com a voz e o sentimento dos pastores participantes. Foi uma nova experiência de ESCUTA para discernir a voz do Espírito que leva a Igreja a novos caminhos de presença, evangelização e diálogo intercultural na Amazônia. A afirmação, que surgiu no processo preparatório, de que a Igreja era aliada do mundo amazônico, foi fortemente afirmada. A celebração termina com grande alegria e esperança de abraçar e praticar o novo paradigma da ecologia integral, o cuidado da “casa comum” e a defesa da Amazônia.

Em clima de SINODALIDADE, ou seja, de participação coletiva, a Assembleia Sinodal reuniu 250 convidados de várias partes do mundo e representantes das igrejas fraternas, como ocorre nos demais Sínodos. A sinodalidade [palavra latina que significa caminhar juntos/as] foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região pensadas a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

O Documento Final da Assembleia Sinodal apresentou um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo em permanente exploração desde a colonização, culminando com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

A grande novidade do Sínodo Especial para a Amazônia foi a quantidade de MULHERES [38 ao todo] e de representantes dos povos indígenas que fizeram toda a diferença com sua participação e partilha das experiências. As mulheres participaram de forma ativa e efetiva de todo o processo sinodal com seu protagonismo feminino sempre presente na caminhada da Igreja da Amazônia. Mas, na Assembleia Sinodal, elas tiveram grande destaque. Era visível a alegria do Papa Francisco no meio das mulheres. Elas abriram caminhos para se pensar novos ministérios/serviços específicos para as mulheres em toda a Igreja e deixaram claro que a Igreja da Amazônia tem rosto de mulher.

Outra novidade desta Assembleia Sinodal foi a instalação da 'TENDA DA CASA COMUM', um espaço que reuniu inúmeras pessoas de toda Pan-Amazônia e convidados do mundo inteiro que passaram por ali para acompanhar o Sínodo com muitas atividades de reflexão, estudo, oração, debates diversos, silêncio e meditação durante toda a Assembleia Sinodal.

Na abertura oficial do Processo Sinodal em janeiro de 2018, na sua visita a Porto Maldonado na Amazônia peruana, o Papa Francisco disse aos POVOS INDÍGENAS que “eles seriam protagonistas do Sínodo da Amazônia”. E de fato o foram. Durante a Assembleia Sinodal, o Papa Francisco se reuniu com os representantes das etnias indígenas que participavam do Sínodo e com aqueles que estavam participando das atividades da Tenda da Casa Comum. Depois de os escutar, o Papa Francisco reafirmou a importância dos povos indígenas para a proteção da Amazônia e para a Ecologia Integral.

Um momento que marcou profundamente a Assembleia Sinodal foi o 'PACTO DAS CATACUMBAS' celebrado na manhã do dia 20 de outubro na Catacumba de Santa Domitila. Os participantes do Sínodo e da Tenda da Casa Comum celebraram a memória dos primeiros cristãos perseguidos e martirizados pelo Império Romano, recordaram os compromissos do Concílio Vaticano II e assinaram um documento no qual se comprometeram em “renovar a opção preferencial pelos pobres”, a abandonar “todo tipo de mentalidade e atitude colonial” e a proclamar “a novidade libertadora do Evangelho de Jesus Cristo”. Comprometeram-se também a reconhecer “os ministérios eclesiais já existentes nas comunidades” e a buscar “novos caminhos de ação pastoral”.

CAPÍTULO I

Amazônia: da Escuta à Conversão Integral

O Documento exorta desde o início a uma “verdadeira conversão integral”, com uma vida simples e sóbria, no estilo de São Francisco de Assis, comprometida em relacionar-se harmoniosamente com a “CASA COMUM”, obra criativa de Deus. Essa conversão levará a Igreja a ser em saída, para entrar no coração de todos os povos amazônicos. De fato, a Amazônia tem uma voz que é uma mensagem da vida e se expressa através de uma realidade multiétnica e multicultural, representada pelos rostos variados que a habitam. “BEM VIVER” é o estilo de vida dos povos amazônicos, ou seja, viver em harmonia consigo mesmo, com os seres humanos e com o ser supremo, numa única intercomunicação entre todo o cosmo, a fim de forjar um projeto de vida plena para todos.

As dores da Amazônia: o grito da terra e o grito dos pobres

Todavia, o texto não reprime as muitas dores e violências que hoje ferem e deformam a Amazônia, ameaçando sua vida: a privatização de bens naturais; modelos predatórios de produção; desmatamento que atinge 17% de toda a região; a poluição das indústrias extrativistas; mudanças climáticas; narcotráfico; alcoolismo; tráfico de seres humanos; a criminalização de líderes e defensores do território; grupos armados ilegais. É extensa a página amarga sobre migração, que na Amazônia articula-se em três níveis: mobilidade de grupos indígenas em territórios de circulação tradicional; deslocamento forçado de populações indígenas; migração internacional e refugiados. Para todos esses grupos, é necessário um CUIDADO PASTORAL transfronteiriço capaz de incluir o direito à livre circulação. A QUESTÃO MIGRATÓRIA deve ser trabalhada de maneira coordenada pelas Igrejas de fronteiras. Além disso, um trabalho pastoral permanente deve ser pensado para os migrantes vítimas do tráfico de pessoas, com especial atenção para o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial.

O Documento sinodal convida a prestar atenção ao deslocamento forçado de famílias indígenas nos centros urbanos, sublinhando como esse fenômeno requer uma “pastoral conjunta nas periferias”. Daí a exortação à criação de equipes missionárias que, em coordenação com as paróquias, cuidem desse aspecto, oferecendo liturgias inculturadas e favorecendo a integração dessas comunidades nas cidades.

CAPÍTULO II

Novos Caminhos de Conversão Pastoral

A Igreja na Amazônia é uma Igreja em saída missionária; uma Igreja samaritana, misericordiosa, solidária; uma Igreja em diálogo ecumênico, inter-religioso e cultural; uma Igreja missionária que serve e acompanha os povos amazônicos; uma Igreja com rosto indígena, camponês e afrodescendente; com rosto migrante; com rosto jovem; uma Igreja que percorre novos caminhos na pastoral urbana; uma espiritualidade da escuta e do anúncio. Todas estas características apontam os novos caminhos para a conversão pastoral.

A dimensão MISSIONÁRIA da Igreja também é central: a missão não é algo opcional, lembra o texto, porque a Igreja é missão e a ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja. Na Amazônia, ela deve ser “SAMARITANA”: ir ao encontro de todos; “MADALENA”: amada e reconciliada para anunciar com alegria o Cristo ressuscitado; “MARIANA”: geradora de filhos para a fé, e “INCULTURADA” entre os povos a que serve. É importante passar de uma pastoral “de visita” a uma pastoral “de presença permanente” e, para isso, o Documento sinodal sugere que as Congregações Religiosas do mundo estabeleçam pelo menos um posto missionário em um dos países da Amazônia.

O sacrifício dos missionários mártires

O Sínodo não esquece os muitos missionários que deram a vida para transmitir o Evangelho na Amazônia, cujas páginas mais gloriosas foram escritas pelos mártires. Ao mesmo tempo, o Documento lembra que o anúncio de Cristo na região realizou-se muitas vezes em convivência com os poderes opressores das populações. Por esse motivo, hoje a Igreja tem “a oportunidade histórica” de se distanciar das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos amazônicos e exercendo sua atividade profética “de forma transparente”.

Diálogo ecumênico e inter-religioso

Nesse contexto, foi dada grande importância ao diálogo ecumênico e inter-religioso: “Caminho indispensável da evangelização na Amazônia”, afirma o texto sinodal, ele deve partir, no primeiro caso, da centralidade da Palavra de Deus para iniciar verdadeiros caminhos de comunhão. No âmbito inter-religioso, o Documento incentiva um maior conhecimento das espiritualidades indígenas e dos cultos afrodescendentes, a fim de que cristãos e não cristãos possam agir juntos

em defesa da Casa Comum. Por esse motivo, são propostos momentos de ENCONTRO, ESTUDO e DIÁLOGO entre as Igrejas na Amazônia e os seguidores das religiões indígenas.

Urgência de uma pastoral indígena e de um ministério juvenil

O Documento também recorda a urgência de uma pastoral indígena que tenha um lugar específico na Igreja: é necessário criar ou manter, de fato, “uma opção preferencial pelas populações indígenas”, dando também maior impulso missionário às vocações autóctones, porque a Amazônia também deve ser evangelizada pelos amazônicos. Depois, dar espaço aos jovens amazônicos, com suas luzes e sombras. Divididos entre tradição e inovação, imersos numa intensa crise de valores, vítimas de realidades tristes como a pobreza, violência, desemprego, novas formas de escravidão e dificuldades de acesso à educação, muitas vezes acabam na prisão ou resultam em mortos por suicídio. E, no entanto, os jovens amazônicos têm os mesmos sonhos e as mesmas esperanças que os outros jovens do mundo e da Igreja.

Chamada a ser uma presença profética, deve acompanhá-los em seu caminho, para impedir que sua identidade e sua autoestima sejam prejudicadas ou destruídas. Em particular, o Documento sugere “um renovado e ousado ministério juvenil”, com uma pastoral da juventude sempre ativa e centrada em Jesus. De fato, os jovens, lugar teológico e profetas da esperança, querem ser protagonistas e a Igreja na Amazônia quer reconhecer o seu espaço. Por isso, o convite a promover novas formas de evangelização também por meio das mídias sociais e ajudar os jovens indígenas a alcançar uma interculturalidade saudável.

Pastoral urbana e as famílias

O texto conclusivo do Sínodo se detém no tema da pastoral urbana, com um foco particular nas famílias: nas periferias da cidade, elas sofrem pobreza, desemprego, falta de moradia, além de variados problemas de saúde. Torna-se, portanto, necessário defender o direito de todos à cidade como desfrute justo dos princípios de sustentabilidade, democracia e justiça social. É preciso lutar para que os DIREITOS FUNDAMENTAIS básicos sejam garantidos nas “favelas” e nas periferias.

Central deve ser também o estabelecimento de um “ministério de acolhimento” para uma solidariedade fraterna com migrantes, refugiados e sem-teto que vivem no contexto urbano. Nesse âmbito, uma ajuda válida vem das Comunidades Eclesiais de Base, “um presente de Deus para as Igrejas locais da Amazônia”. Ao mesmo tempo, as políticas públicas são convidadas a melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas, dos ribeirinhos, dos camponeses, das comunidades quilombolas, e a protegê-las das grandes intervenções econômicas a fim de evitar a transferência descontrolada de pessoas para a cidade.



Novos caminhos para a Igreja:
*um projeto à luz do Documento Final
do Sínodo para a Amazônia*

Conversão Cultural – chaves de leitura

Pe. Ricardo Castro¹

Novos Caminhos de Conversão Cultural

Neste aspecto do Documento Final, somos levados a um aspecto fundamental para os povos da Amazônia, a compreensão antropológica cultural. Aprofundamos esse aspecto a partir da perspectiva da CONVERSÃO-METANOIA, gerada pela nossa fé no Deus do Reino anunciado por Jesus Cristo aos pobres. Quais os novos caminhos que a Igreja com rosto amazônico precisa trilhar nestes tempos de reconhecimento das identidades culturais da Amazônia e de destruição de seus biomas. Conversão cultural é parte de um processo de reconhecimento que a fé precisa se descolonizar e dialogar de maneira mais profunda com os povos da Amazônia, para melhor inculturar, interculturalizar, no diálogo e no reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, pela proteção de suas línguas, culturas, espiritualidades e territórios.

Ao se propor uma CONVERSÃO-CULTURAL, a Igreja com rosto amazônico se torna aliada das populações indígenas, denunciando os ataques perpetrados contra suas vidas, os projetos de desenvolvimento etnocidas e ecocidas, a criminalização dos movimentos sociais. A Igreja se empenha em processos sinodais e inculturados, a promover uma Igreja encarnada nas culturas e promotora de transformação social, cuidadora da Mãe Terra.

Cultura, Fé e Encarnação

Para refletir sobre conversão cultural, precisamos compreender primeiramente que a Amazônia é multiétnica e multicultural. Em cada espaço territorial da Amazônia, os povos ancestrais e os que aqui chegaram, foram construídas e reconstruídas cosmovisões e projetos de vida para o presente e para o futuro. No contexto atual, as culturas amazônicas e dos seus povos ancestrais convivem com práticas terapêuticas milenares, mitologias e encantamentos, juntamente com tecnologias e

¹ - Itepes/FSDB – Manaus, Assessor da REPAM-Brasil.

desafios modernos. Como entender este processo? Como a fé se encarna dentro dos processos dinâmicos e dos desafios sócioecológicos dessas realidades?

O termo cultura pode ser usado referindo-se a três áreas da experiência humana que estão relacionadas entre si e não podem ser distinguidas. Cultura diz respeito aos artefatos, principalmente em nosso tempo ao sistema de artefatos chamado de tecnologia. Cultura diz respeito a sentido e valores, à nossa cosmovisão, que pode estar incluído no termo sugestivo *ethos*. Mitos, símbolos, teorias e outras formas expressam estes significados e valores; a religião é parte deste aspecto da cultura. Cultura também diz respeito às ciências e às artes, ao âmbito da iniciativa humana e da criatividade que se manifesta distintivamente nos resultados inovativos e criativos no campo intelectual e na vida espiritual. Cultura se torna uma **segunda natureza** para a vida humana. É a dimensão pela qual nos relacionamos com os eventos naturais: nos separamos dos efeitos imediatos e brutos da natureza por meio da cultura. O ser humano é naturalmente simbólico e afeito aos ritos, nos quais aprende a compreender os mistérios da vida e da fé. O homem tem sede de sentido e significado, tanto para humanizar-se quanto para transcender e poder responder ao que é último em sua vida – Deus.

A inculturação é o intento de assumir as expressões culturais de outro grupo social, a fim de comunicar o Evangelho. A inculturação, enquanto inserção na cultura do outro, é um aprendizado sempre precário que procura reverter a prática histórica da evangelização colonial. Esta tentou integrar o outro evangelizado no universo cultural do evangelizador.

A aculturação globalizada, como centralismo, homogeneizante e homogeneizador de culturas dominantes, do descarte e da indiferença, está acontecendo por toda parte. Mas ela não é uma meta para a evangelização inculturada. Não tem fundamento bíblico, nem teológico. Deus não se aculturou no mundo. Encarnou-se neste mundo por meio de Jesus de Nazaré. Jesus não veio para um encontro a meio caminho. Ele não desceu um pouco para levar a humanidade um pouco para cima. Ele não se enfeitou com a cultura de seu povo. Deus desceu e se encarnou na condição mais vil da humanidade, no presépio e na cruz, um sem-casa e um sem-terra.

Outro modo de “aproximação” cultural nas Américas foi a integração colonial. Pero Vaz de Caminha, ao descrever a primeira Missa no Brasil celebrada por Frei Henrique de Coimbra, mostrava-se edificado pela capacidade de os índios imitarem seus colonizadores: “E quando se chegou ao Evangelho, ao nos erguermos todos em pé com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até se terminar; e então tornaram a assentar-se, como nós. [...] E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã do que nos entenderem, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos”.

Tanto a integração do outro no meu universo cultural quanto a identificação minha com a cultura do outro, são destrutivas em frente a alteridade do outro. Por conseguinte, a aproximação cultural

em forma de inculturação não visa à identificação com o outro e sua cultura, mas à solidariedade [cf. *Gaudium et Spes*, n. 32].

No contexto do Sínodo para a Amazônia, há um reconhecimento de que ao longo da Evangelização muitas vezes foram usadas abordagens de aculturação colonial religiosa, inferiorizando e demonizando as culturas locais e compactuando com os poderosos na exploração e opressão das populações locais. No início do Sínodo, o Papa Francisco afirmou que “nos aproximamos dos povos amazônicos na ponta dos pés, respeitando a sua história, as suas culturas, o seu estilo de bem-viver”. E, de fato, a Igreja quer ser uma “aliada” dos povos.

Cada cultura produziu, originalmente, sua própria religião. A religião de cada povo, coerentemente vivida, é o caminho ordinário de sua salvação. Essa cultura é o Primeiro Testamento de cada povo e grupo social. A presença de Deus Trino na história humana, desde a criação do mundo, precede a Encarnação de Jesus de Nazaré. O Deus da criação e da vida temos em comum com todas as religiões. Para a convivência em paz e a tolerância entre os povos, a configuração de um “Deus em comum” se tornou um fator importante na evolução da consciência humana.

Conversão Cultural

No Evangelho da Comunidade de Marcos, Jesus inicia sua pregação, proclamando: “O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia.” [Mc 1, 15]. Completou-se o tempo do Reino de Deus. O tempo não está em sentido cronológico, mas no sentido de situação, contexto ou momento [kairós]. O kairós indica uma plenitude de situação, de um projeto, de um plano, ou mesmo de uma situação conjuntural. Na pregação de Jesus, o Reino de Deus é o convite a voltar-se para o alto, a direcionar a mente para cima, a descobrir que o céu está aberto, mas que, para entrar são necessárias algumas exigências: a conversão e a fé no Evangelho. A metanoia [conversão] não é apenas um remendo na espiritualidade praticada, não é o acréscimo de alguma prática religiosa ou de algum rito, nem mesmo a mudança de religião.

Metanoia é a mudança radical de enfoque dentro de uma compreensão da própria religião, é entender que o rito sem a justiça ofende a Deus [Is 1, 10-17; 5, 1ss.]. Conversão é entender de modo correto a Lei e os Profetas [Mt 5, 17-20] e, dentro dessa perspectiva, ser capaz de fazer todos os passos exigidos e propostos.

A conversão era uma exigência radical de encontro entre o conhecimento, a leitura e o estudo da Lei e suas conseqüentes transformações sociais. A conversão cristã implica uma mudança radical e histórica no ser do sujeito. É o início de uma nova vida no humano, mediante a participação

pela fé e o batismo no mistério pascal de Cristo, cujo sinal eficaz é o batismo. Para os gregos, a metanóia filosófica se desdobra e termina no mesmo sujeito, a metanóia cristã culmina no nascimento de uma nova identidade humana e espiritual; se o primeiro é uma “auto-subjetivação”, o segundo seria antes uma “trans-subjetivação”; A conversão cristã é um processo gradual de engajamento mútuo da Aliança com o Deus Abbá de Jesus, mas é ao mesmo tempo, fruto da graça, da iniciativa gratuita de Deus.

A conversão cristã não é, em última análise, um retorno ao antigo; é um salto para a novidade do Reino do Abbá, o início de uma nova vida. Nesta opção fundamental, está uma “virada existencial” de quem se sente escolhido/a, amado/a e chamado/a, realiza-se através do que a Bíblia designa como “retorno ao caminho” ou “conversão” [metanóia]. A conversão leva-nos a questionar a realidade em que se vive e o próprio modo de viver [vida cultural]. É uma passagem das posturas, atitude e ações, do universo simbólico interno e externo, para a encarnação do logos [Sabedoria] nos critérios do próprio modo de viver subjetiva e socialmente. A dialética da fé cristã é a conversão.

A relação entre conversão e cultura, em nossa perspectiva, ocorre no sonho da *Querida Amazônia*, que nos lembra da riqueza cultural dos povos amazônidas, própria para um mundo em devastação de suas reservas de vida. **“Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.”** Este sonho nos torna conscientes da interculturalidade presente na construção histórica de uma visão sobre a Amazônia, que necessita ser revitalizada e mais bem compreendida na atualidade.

A partir das correntes críticas de estudos da cultura, aplicadas aos estudos da história cultural colonial e pós-colonial, começamos a perceber a interação e as multi-influências que as culturas sofrem em seus encontros colonizadores e nos processos atuais de decolonização. Interculturalidade nos ajuda a perceber essa interação cultural e suas multi-influências ao longo da história, mas interculturalidade tem mais a ver com a intensificação do diálogo e interação entre as culturas, do intercâmbio que prevalece em um contexto no qual culturas estão mais possibilitadas de interação. Interculturalidade como enlace de fatores culturais para a promoção da vida, pode ser o caminho para nos ajudar a discernir que caminhos tomar, frente ao armagedon apocalíptico de nosso tempo, também as condições e alternativas que nos desafiam novamente a nos encarnar na humanidade e na natureza.

A conversão cultural, hoje, pode ser chamada de interculturalidade, que é primeiramente, um chamado à vida, como inter-relações com o mundo natural ao nosso redor e com grupos humanos. É um chamado à humanização, ou seja, compreensão da humanidade em nós e nos outros. É a consciência de que somos a parte cultural da criação que é mediação para adentrar nos mistérios da vida e do cosmo. Na interculturalidade somos desafiados a lutar pela vida, para

nos despir das estruturas de morte que matam a humanidade e seu nicho de vida. Nos processos interculturais entramos na grande escalada da vida humana – de humanizar-se, alcançar plenitude de vida subtraindo os laços da morte que ameaçam a vida e a dignidade humana. Na interculturalidade não existem culturas mais ou menos desenvolvidas, seres humanos civilizados e os menos desenvolvidos.

Na conversão cultural pela interculturalidade somos desafiados a lutar pela vida, para nos despir das estruturas de morte que matam a humanidade e seu nicho de vida. Nos processos interculturais entramos na grande escalada da vida humana – de humanizar-se, alcançar plenitude de vida subtraindo os laços da morte que ameaçam a vida e a dignidade de grupos humanos mais vulneráveis. A interculturalidade é a abolição dos laços da raça, dos distanciamentos e afastamento dos que nos são alteros – o humano que se converte à interculturalidade e a encarna, forja uma humanidade aberta porque está consciente de uma condição original que deriva do “barro” [tu és pó] tu és terrenal, tu és consciência universal, tu é filha [o] de Deus, tu és sujeito de cultura, de símbolos e mistérios. Tal constatação oferece a base para o encontro, porque interculturalidade ocorre no encontro de dar e acolher o outro no seu anseio de vida e liberdade.

A interculturalidade ocorre nesse encontro para descobrir o que as culturas têm em comum e o que as diferenciam, na busca escatológica de uma comunidade intercultural universal e mestiçada. A dinâmica intercultural estará sempre caracterizada pela reciprocidade, olhar o outro na face e reconhecer sua humanidade e sua luta pela vida. Na partilha intercultural partilhamos as diferenças para descobrir cada vez mais a totalidade de uma vida que deve ser vivida em plenitude por todos.

Referências:

CASTRO, Ricardo. **Amazônia, Novos caminhos nas relações entre homem e mulher**. São Paulo: Paulinas, 2020

CASTRO, Ricardo. [Interculturalidade e Ecologia: parte 1 - Amazônia Latitude \[amazonialatitude.com\]](http://amazonialatitude.com)

DOCUMENTO FINAL, AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.pdf>

PAPA FRANCISCO. *Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2020.

SHORTER, Aylward. *Towards a theology of inculturation*. New York: Orbis Book, 1999.



Novos caminhos para a Igreja:
um projeto à luz do Documento Final
do Sínodo para a Amazônia

Conversão Ecológica – chaves de leitura

Ima Vieira¹

Novos Caminhos de Conversão Ecológica

O Sínodo para a Amazônia trouxe uma mensagem de esperança para a Igreja Católica. As propostas do Sínodo [e também as da *Querida Amazônia*] giram em torno do encontro e do diálogo e se apresentam como vanguarda na discussão sobre os caminhos da Igreja na Amazônia, que se aprofunda em torno da justiça social e da defesa dos povos amazônicos e do meio ambiente como um bem coletivo, fruto de um novo olhar marcado pelos valores do cuidado e da sustentabilidade. O Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a Igreja. O tempo do escutar, refletir e agir, pois a Amazônia não pode esperar².

O Documento Final da Assembleia Sinodal reconhece que a Ecologia Integral é o único caminho possível para conectar o cuidado pastoral da natureza à justiça para com as pessoas mais pobres e exploradas da terra e salvar a região amazônica do extrativismo predatório, da violência contra os povos amazônicos e da criminalização dos defensores da Amazônia.

O capítulo IV do Documento Final do Sínodo para a Amazônia propõe “novos caminhos para uma conversão ecológica”, dada a atual “crise socioambiental sem precedentes”. Reconhece que o bioma amazônico “está ameaçado de desaparecimento, com tremendas consequências para nosso planeta”. A única saída é promover uma ecologia integral, que promova “um modelo de desenvolvimento justo e solidário”, em que temos muito que aprender “de nossos irmãos e irmãs dos povos originários” [Documento Final, n. 65]³.

O Sínodo se propôs a “escutar a voz e o clamor da terra que geme e dos povos que gritam

1 - Ecóloga, Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

2 - <https://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/06/INSTRUMENTUM-LABORIS.pdf>

3 - Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>

por socorro perante exploradores da região, dar as mãos, formar correntes e partir para a ação. Isso exige mudanças de paradigmas pessoais, pastorais, estruturais e missionários”⁴.

É a hora de ousar... os frutos do Sínodo para a Amazônia precisam ser expressão da autonomia necessária das Igrejas locais para tomar decisões diante de certas demandas do contexto amazônico que não podem esperar”.

Ecologia Integral e Conversão Ecológica

As consequências socioambientais provocadas pela demanda insustentável de recursos naturais tende a materializar-se de forma grave e veloz, causando sérios problemas em escala globalizada: aquecimento da terra, desflorestamento, poluição, contaminação de rios e mares, perda da biodiversidade, entre outros. Essa crise ambiental está intimamente ligada à injustiça social⁵, e ambas se revelam nas desigualdades, na perda da dignidade humana e na destruição progressiva do planeta. À luz desta crise ecológica iminente que o Papa Francisco chama por uma conversão ecológica por parte de toda a humanidade, tanto os indivíduos quanto as nações. Ele enfatiza a importância da mudança de atitude nas formas e na maneira como usamos e tratamos a criação e os seres humanos, principalmente os pobres.

Em *Laudato Si'*⁶, o Papa Francisco aponta a imensa devastação socioambiental em curso no planeta, mas também aponta as causas da injustiça socioambiental, afirmando claramente que o causador principal dessa devastação é o modelo econômico capitalista, a idolatria do mercado e do capital, uma economia que violenta e mata. Assim, “uma verdadeira abordagem ecológica torna-se sempre uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o grito da terra quanto o grito dos pobres” [Documento Final, n. 66].

Para refletir sobre conversão ecológica, precisamos, primeiramente, reconhecer a crise ambiental que vivemos, compreender o que é ecologia integral e a importância socioecológica da Amazônia.

Ecologia Integral – O tema da ecologia integral surgiu recentemente com o diálogo sobre o aquecimento global, e ao longo dos anos foi articulado como justiça, paz e integridade da criação⁷. O termo ecologia foi citado pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernest Haeckel e definido como sendo a ciência que estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente em que se

4 - ALMEIDA, N. M.; BRIGHENTI, A. Sínodo da Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 617-640, 2019.

5 - CENCI, D.; BURMANN, T. Direitos Humanos, Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania. *Revista Direitos Humanos e Democracia*. n. II (2013), p. 131-157.

6 - FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' [LS]*. Louvado sejas: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

7 - ANDRADE, J. Da plenitude à ecologia integral: apelos do Sínodo da Amazônia para as relações dialogais. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, ano 8, n. 12, p. 20-34, jan./jun. 2020.

desenvolvem. E isto exige pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, colocando-se em discussão também a questão dos modelos de desenvolvimento, produção e consumo. O Papa Francisco nos coloca diante do desafio de uma proposta de ecologia integral, que “nos convida a uma conversão e exige reconhecer nossos próprios erros, pecados, vícios, negligências e omissões com as quais ofendemos a criação de Deus” [LS, n. 218]. Quando o Papa afirma que ‘tudo está interligado’: a natureza e a sociedade, e desenvolve o termo “ecologia integral”, ele dá um sentido mais amplo à ecologia e nos leva a buscar entender a relação entre todas as criaturas do nosso planeta na dimensão ambiental, econômica, social, cultural e a vida cotidiana.

“Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”. [LS, n. 139]

O cenário de crise sem precedentes em que vivemos impõe grandes riscos às populações tradicionais da Amazônia e são resultantes de um longo histórico de sua invisibilidade pelo restante do Brasil. Tais riscos se estendem também à floresta, dado o papel dessas comunidades em sua conservação. No rico diagnóstico feito durante o Sínodo, os bispos reafirmam que a ação humana na região perdeu seu caráter “amigável” e assumiu uma forma “voraz e predatória”, que tem levado ao esgotamento dos recursos naturais disponíveis.

No Documento Final é enfatizado que a Igreja precisa contribuir para o reconhecimento do “papel central do bioma amazônico para o equilíbrio do clima do planeta” e deve “animar a comunidade internacional a dispor de novos recursos econômicos para sua proteção e promoção de um modelo de desenvolvimento justo e solidário”. Afinal, a Floresta Amazônica representa um terço das florestas tropicais do mundo, e desempenha papel importante na estabilidade ecológica do planeta. Ela é reconhecida como um repositório de serviços ecológicos, não só para os povos indígenas e as comunidades locais, mas também para o restante do mundo. O fim da floresta contribuiria definitivamente para um processo de extinção em massa das espécies vegetais e animais que aqui habitam e de cerca de 400 etnias que dependem da sua biodiversidade.

Na busca de modelos de desenvolvimento para a região, o Sínodo afirma ser necessário “o protagonismo e a participação direta das comunidades locais e dos povos originários em todas as fases, desde o planejamento até sua implementação” [Documento Final, n. 68]. O novo modelo de desenvolvimento sustentável deve ser socialmente inclusivo, combinando conhecimentos científicos e tradicionais para empoderar as comunidades tradicionais e indígenas, fazendo com que essas tecnologias sirvam ao bem-estar e à proteção das florestas.

Conversão Ecológica – O Documento Final do Sínodo afirma que “a defesa da vida da Amazônia e de seus povos requer uma profunda conversão pessoal, social e estrutural”. A Conversão Ecológica reconhece a sabedoria dos povos sobre a biodiversidade e o conhecimento tradicional é valorizado

e respeitado. Os protagonistas do cuidado, da proteção e da defesa dos direitos dos povos e dos direitos da natureza nessa região são as próprias comunidades amazônicas. Pede-se que os agentes pastorais e os ministros ordenados sejam formados com esta sensibilidade socioambiental, seguindo o exemplo dos mártires da Amazônia e propõe-se criar ministérios para o cuidado da casa comum. O Documento reafirma o empenho da Igreja em promover o diálogo intercultural e ecumênico para conter as estruturas de morte, pecado, violência e injustiça, e propõe a definição de “pecado ecológico” como “ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade, o meio ambiente”.

Uma série de ações são apontadas no Documento Final para a melhoria das condições de vida na Terra, como a necessidade de reduzir drasticamente as emissões de dióxido de carbono e de outros gases ligados à mudança climática, de promover fontes de energia limpa, de dar acesso à água potável, de incentivar a reutilização e a reciclagem, reduzir o uso de combustíveis fósseis e plásticos, mudar hábitos alimentares e adotar estilos de vida sóbrios e plantar árvores, dentre inúmeras outras práticas ecológicas. Para acompanhar as mudanças que se processarão foi proposta a consolidação de cooperação em nível internacional e inter-religioso para projetos de preservação, como um Observatório Socioambiental para a Amazônia, em parceria com instituições civis e universidades católicas, e a criação de um fundo econômico específico para a Amazônia, a ser gerido conjuntamente por representações eclesásticas e civis.

Pela importância para a ação evangelizadora de toda a Igreja, o processo do Sínodo para Amazônia, precisa ser bem conhecido, pois foi uma experiência inovadora e inspiradora. O papel da Igreja deve ser o de um aliado, e os “novos caminhos” para a Igreja, apontados no Sínodo, deverão agora se traduzir em iniciativas concretas na direção do fortalecimento institucional. Todo esse movimento de conscientização criado pelo Sínodo deve nos levar a uma mudança de hábito, assumindo, em nossa vida pessoal, familiar e na sociedade como um todo, um novo estilo de vida, que preserve o meio ambiente e cuide melhor de nossa casa comum, que é o planeta Terra⁸. Mas não bastam apenas ações individuais, “é preciso agir em conjunto, em ações que levem a um comprometimento com o Bem Viver e que promovam a ministerialidade e a sinodalidade capazes de rever outras estruturas da Igreja em harmonia com o cuidado da criação na Amazônia”⁹.

Ao agir concretamente no território, a Igreja deve formar consciências a fim de promover uma profunda e duradoura conversão ecológica. Isso nos leva a pensar em três eixos importantes para a formulação de um “rito de conversão ecológica”, baseado nas dimensões espiritual, educacional e social.

8 - SANTOS, A. O Sínodo antes, durante e depois da sua realização: impressões pessoais de um teólogo da Amazônia. *Fronterias*, 2[2]: 270-283, 2019.

9 - VIEIRA, I.; OLIVEIRA, M.; DA MATA, R. P. Os Dez Mandamentos do Sínodo para a Amazônia. *Cadernos do CEAS*, v. 45, n. 249, p. 9-32, 2020.



Novos caminhos para a Igreja:
um projeto à luz do Documento Final
do Sínodo para a Amazônia

Conversão Sinodal [86-112] – Chave de leitura

Pe. Justino Sarmiento Rezende¹

Os meus parentes do Equador certa vez disseram: só o passado pode nos ensinar! O tema “Amazônia: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral”, com o qual eu me comprometi durante o processo de preparação e a realização do Sínodo mostrou-me muitas realidades antigas e novas. Eu me dediquei bastante em ajudar, sonhei alto, fiquei esperançoso em ver coisas novas e eu percebia que era uma oportunidade melhor para dar uma reviravolta na ação missionária na Amazônia. Os meus olhos viram e o meu coração sentiu, em diversos espaços, muita empolgação que me fizeram bem, mas não faltaram também pessoas que me causaram medo, faltaram as apostas nas propostas dos povos amazônicos. Apresento algumas *chaves de leitura*:

- 1 - **Colonialidade e Interculturalidade:** muitas comunidades cristãs amazônicas preferem seguir a tradição da Igreja mais antiga. A proposta de organizar uma Igreja com rosto amazônico assusta a muitas pessoas, emergem do interior da própria Igreja e da sociedade em geral.
- 2 - **Apostar e confiar:** para o amadurecimento de uma Igreja com rosto amazônico é necessário apostar e confiar em agentes autóctones; apostar em si mesmos.
- 3 - **Missionário vindo de fora e de dentro:** ainda existe bem viva a compreensão de que o missionário é alguém que vem de longe, de outros países; o missionário autóctone não é visto como missionário.
- 4 - **Ministérios autóctones e ministérios ordenados:** os povos amazônicos possuem seus ministérios originários e pessoas especializadas para exercê-los; os ministérios ordenados da Igreja caminham paralelamente, não interagem.
- 5 - **Mulheres e ministérios femininos:** as mulheres transbordam com a sua presença nas sociedades e nas comunidades cristãs amazônicas; o Sínodo da Amazônia visibilizou os

¹ - Missionário salesiano. Perito do Sínodo para a Amazônia: Espiritualidade indígena e Pastoral inculturada.

sonhos das mulheres; elas mostraram o modelo de Igreja que sonhamos para Amazônia; mas é tema que causa medo, indiferença e fuga.

- 6 - **Homens casados e ministérios ordenados:** foi um dos sonhos fortes durante a preparação do Sínodo da Amazônia, mas também foi um tema muito polêmico; depois do Sínodo deu impressão que não saiu do ponto onde estava.
- 7 - **Sair e participar da vida comunitária:** sair de casa e ir em direção ao povo; há uma parcela do povo de Deus que consegue e outra não consegue.
- 8 - **Teologias amazônicas em conexão com outras Teologias:** há necessidade de ouvir os velhos sábios dos povos originários para aprender as Teologias amazônicas; aprende-se participando das festas cerimoniais e indo para onde eles estão; principalmente, quem é descendente desses povos pode avançar nessa perspectiva e estabelecer conexões e outras compreensões teológicas.
- 9 - **Igreja amazônica com cheiro, cor e sabor da Amazônia:** eu imagino que os povos originários e missionários engajados em meio aos povos amazônicos entendem bem como pode ser concretizado; o Sínodo da Amazônia apontou meios como a *evangelização inculturada e intercultural*.
- 10 - **Ser corajosos para ultrapassar os medos:** novos ministérios tão sonhados, discutidos e aprovados durante as votações dos padres sinodais [Documento Final] acontecerão se vencermos o medo; do contrário, continuará do mesmo modo como era antes do Sínodo da Amazônia.
- 11 - **Aposta nas capacidades dos povos amazônicos:** são humanos, são cristãos, formam o povo de Deus; estão em comunhão e participação com a Igreja, mas precisa apostar em suas capacidades diferenciadas e eles servem de outro modo, com novas linguagens, línguas, símbolos ...
- 12 - **Ministérios que transbordam como o Rio Amazonas:** o desafio do Papa foi esse mesmo aos padres sinodais e a todos que estavam presentes na aula sinodal. Quando o Rio Amazonas e outros rios enchem não ficam com medo, enchem abundantemente. Assim se pode pensar em diversos ministérios eclesiais ordenados e não ordenados.
- 13 - **Diaconato com rosto e riqueza feminina:** para que se concretize há necessidade de um Organismo Eclesial forte que tome decisões corajosas para a concretização desses sonhos e propostas do Sínodo; quem participou do Sínodo da Amazônia sabe muito bem que esse tema não entrou de graça, foi disputado e com forte participação das mulheres.
- 14 - **Novos ministérios ordenados e a aceitação das comunidades:** muitas pequenas e grandes comunidades têm muito receio das inovações ministeriais; é algo a ser trabalhado com prudência, paciência, sabedoria e perseverança.

- 15 - **Estar onde ninguém quer estar:** esse desafio ficou diretamente ligado aos religiosos e religiosas da Vida Religiosa Consagrada; existem iniciativas nessa perspectiva, mas há necessidade de que as Congregações e os Institutos de Vida Religiosa se lancem e arrisquem mais, desde a formação inicial e continuada.
- 16 - **Qualificação dos ministérios ordenados:** no exercício de diferentes ministérios haja a valorização mútua; esse trabalho passa pela nova compreensão da Igreja local sob os horizontes do Sínodo da Amazônia; participação de nova organização eclesial panamazônica e Universidade que tenha os pés no chão amazônico e aberta às realidades do entorno.
- 17 - **Cores, Cheiros, Sabores, Ritmos, Músicas, Discursos, Conexões do Rito Amazônico:** foi proposta surgida do próprio coração do Papa Francisco; quando ele percebeu que estávamos querendo inserir certos sonhos dentro de um Rito [Romano] em que não cabem as novidades, ele desafiou os padres sinodais a pensar num Rito Amazônico; despertou a esperança de que nossos sonhos amazônicos eclesiais e ministeriais caibam dentro desse Rito.

Agradeço pela oportunidade que tive durante o Sínodo da Amazônia como membro de um povo originário [Tuyuka] e como sacerdote. Desde o início eu participei. Durante o Sínodo da Amazônia eu participei de todos os momentos da redação do Documento Final pelo fato de eu ser um único indígena como Perito. Depois do Sínodo da Amazônia não escrevi mais, mas sigo refletindo sobre tudo o que aconteceu e como aconteceu. Com o surgimento da pandemia Covid-19 tudo ficou parado, os encontros foram cancelados, pessoas conhecidas faleceram, as celebrações litúrgicas e outras ações evangelizadoras ficaram paralisadas. A Igreja na Amazônia não estava preparada para viver esse tipo de história. Algumas pessoas que sonharam conosco durante a preparação do Sínodo da Amazônia não estão mais entre nós, mas estão junto de Deus, são os nossos intercessores.

Concluo com as palavras da *Yesica Patiachi Tayori* [do Peru]. Ela, mulher de fala forte, firme e corajosa, em uma das sessões da aula sinodal, disse: senhores cardeais e padres sinodais, vocês entrem na canoa para remar juntos com o Papa Francisco; vocês não percebem que ele está remando sozinho? Ajudem a remar, pois sozinho ele não terá a força para vencer as correntezas.

O desafio que ela lançou cabe a cada um de nós: entrar na canoa e remar juntos para chegarmos mais cedo ao nosso destino e vencer as forças contrárias à concretização de nossos sonhos.



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco

Sonho Social (08-27) – chaves de leitura

Márcia Oliveira¹

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, assinada pelo Papa Francisco, é resultado de um processo que durou cerca de dois anos de intenso trabalho, escuta, estudo, aprofundamento, contemplação e discernimento. O documento reúne praticamente todos os pontos elaborados e votados na Assembleia Sinodal que ocorreu em Roma entre os dias 6 a 27 de outubro de 2019.

A sinodalidade [palavra latina que significa caminhar juntos/as] foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham de encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

Um dos documentos do Papa Francisco mais comentado e especulado dos últimos tempos, *Querida Amazônia* reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para toda a Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”, afirma o documento.

Querida Amazônia apresenta um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo, em permanente exploração desde a colonização, o que culmina com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

Didática e pedagogicamente organizada em quatro grandes eixos, *Querida Amazônia* debate e propõe quatro sonhos na vida de toda Igreja:

– *Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.*

¹ - Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

– *Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.*

– *Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.*

– *Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos* [Papa Francisco - Querida Amazônia, 2020, n. 7].

Estes quatro sonhos desafiam a um permanente exercício da *sinodalidade*, que é a dimensão de comunhão participativa de toda a Igreja. Mas, afinal, o que é um sonho?

A palavra sonho tem dois significados: aquele que é uma visão noturna e o sonho que a pessoa imagina mesmo acordada. Um tipo de sonho é de olhos fechados e outro de olhos abertos. Todos os dois tipos de sonhos são importantes para a vida de qualquer pessoa, desde que sejam compreendidos corretamente.

O sonho, desde o Antigo Testamento, é um canal de comunicação direta entre dois mundos. Profetas como José e Daniel tiveram o dom de interpretar sonhos e de administrar grandes projetos como um sonho de Deus. Da mesma forma, José e Maria, a mãe de Jesus, e Isabel, sua prima, mãe de João Batista, sonharam com o Projeto de Deus e o assumiram na sua radicalidade. De nada adiantaria ficarem somente sonhando se não concretizassem o Projeto de Deus nas suas vidas e de suas comunidades.

Jeremias [23, 28] alertava: “O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade”. Os sonhos podem ser de origem natural ou humana [Eclesiastes, 5, 3]. Pode ser fruto da imaginação ou até mesmo lembranças do passado que vem à tona do subconsciente para a mente. Mas, os sonhos podem ser divinos [Gênesis, 28, 12]. Deus usa sonhos para se comunicar com os homens e as mulheres que o querem ouvir [Números, 12, 6]; como aconteceu com o Faraó [Gênesis, 41, 1-10], com Jacó [Gênesis, 31, 10-11], com Salomão [1 Reis, 3, 5]. Os sonhos espirituais são revelações de Deus que devem ser levadas a sério, tanto para ser repreendido se for algo maligno [Tiago, 4, 7], quanto confirmar um aviso de Deus [Mateus, 2, 12 e 22]. Para entender um sonho é preciso:

- Oração “assim que acordar de um sonho, ore a Deus pedindo revelação de seu significado espiritual ou entendimento se foi apenas fruto de preocupações da mente [I Coríntios, 2, 14];
- Leitura Orante da Bíblia: “Se sentir que o sonho foi de origem espiritual, procure ler na Palavra de Deus procurando significado de tudo que foi visto” [Mateus, 22, 29]. Se for de Deus haverá alguma base bíblica para explicar “porque a Palavra de Deus é viva e eficaz” [Hebreus, 4, 12];

- c. Discernimento Espiritual: Se o sonho for espiritual, somente o Espírito Santo pode dar o significado. A interpretação de um sonho nem sempre é literal ou da forma como foi visto no sonho [Daniel, 2, 28]. Não podemos cair em misticismo estabelecendo regras de interpretação como, listas de significados [Daniel, 2, 9].

Sonhos espirituais são muito claros [Gênesis, 37, 5-10] e inesquecíveis, trazendo preocupação por sua seriedade [Daniel, 2, 1; 4 -5; 19]. Mas sua interpretação varia segundo a “multiforme graça de Deus” [I Pedro, 4, 10].

Para os povos ancestrais/originários da Amazônia, os espíritos sagrados se revelam por meio de sonhos que têm a mesma concepção da bíblia judia/cristã. É uma sorte de comunicação direta com o mundo mágico/espiritual, sem nenhuma intervenção humana. Ou seja, sonhar é falar com Deus diretamente!

Um xamã [líder político] sonha para depois orientar sua comunidade e tomar decisões que envolvem a vida de todos e todas e das futuras gerações. O/a pajé [líder espiritual] antes de propor as plantas que curam, sonha e fala com o sagrado. Somente depois de apresentar o doente e suas doenças para os espíritos, é que o/a pajé prepara as fórmulas com as plantas que curam. São os espíritos sagrados que habitam o céu, a floresta e as águas que orientam os ritos de cura.

A Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, inspirada nos profetas de outrora e nos poetas de hoje, nos apresenta de forma didática os sonhos do Papa Francisco para a Amazônia e para toda a Igreja. São quatro sonhos de caráter profundamente bíblico, teológico e espiritual: o sonho social, o sonho cultural, o sonho ecológico e o sonho eclesial. São sonhos do Papa Francisco que, primeiramente os sonhou com Deus, para depois os apresentar para a Amazônia e para toda a Igreja.

- 1 - **Sonho Social** apresenta um itinerário de luta pelos direitos dos mais pobres, dos povos indígenas, dos migrantes, dos camponeses/as... dos últimos. Assume a defesa dos povos e do território amazônico.
- 2 - A *Querida Amazônia* representa para toda a Igreja uma riqueza extraordinária e expressa uma *intensidade de envolvimento e de amor por um território, a Amazônia*, e pelos pobres que nela habitam como nenhum papa jamais havia manifestado até agora. Trata-se de um texto embebido de poesia, e sabe-se que a poesia abre espaços que vão bem além das palavras, ou seja, vai muito além do que é dito no texto.
- 3 - **Biblicamente, o sonho** dá sentido à utopia, que é aquilo que nos faz dar sempre um passo adiante, e nos devolve a esperança. Por isso o Papa Francisco nos ajuda a sonhar com um mundo melhor, como o fazem os povos indígenas. Em quase todas as etnias da Amazônia, o sonho é o que orienta o tuxaua a tomar suas decisões políticas para o bem de toda a

comunidade. É no sonho que os pajés [curandeiros e curandeiras] encontram as fórmulas para curar cada doença do corpo e da alma.

- 4 - No **Sonho Social** [*Querida Amazônia*, n. 8 a 27], o Papa Francisco nos pede para ouvir os clamores dos povos da Amazônia ameaçados em seus territórios marcados por disputas e conflitos socioambientais.
- 5 - A **Amazônia é um território em disputa** pelos próprios governos que criminalizam as lideranças sociais e protegem o grande capital que explora de forma predatória os recursos naturais, que compra, vende, negocia os bens coletivos: a terra, a floresta e as águas.
- 6 - Os colonizadores de ontem e os neocolonizadores de hoje querem impor um modelo de desenvolvimento que ignora o modo de vida dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e camponeses que vivem e convivem com a Amazônia sem a destruir, e a protegem para garantir a vida e a dignidade das futuras gerações.
- 7 - O sonho social nos desafia a defender a causa da Amazônia e nos deixar **amazonizar** como naquele verbo de ação que indica primeiramente um extenso e intenso processo de estudo e conhecimento da **Amazônia**. É preciso conhecer para amar, proteger e defender os povos da Amazônia e seus territórios.
- 8 - No campo político, é uma resposta ao disparate economicista da internacionalização da Amazônia. Ao invés de internacionalizar a **Amazônia**, propõe-se concretamente amazonizar o mundo.
- 9 - Amazonizar significa carregar o mundo de sentido, de sensibilidade, de contemplação, de admiração e comprometimento para com a obra da criação presente na exuberância da **Amazônia**. Evoca respeito às identidades culturais forjadas a partir da relação de respeito e de convivência com a natureza. Nessa perspectiva, a terra, a floresta e os rios simbolizam o *locus* da organização social e política, lugar da produção e transmissão de práticas sustentáveis que se encontram em todos os lugares da Amazônia. Do latim, *locus* significa literalmente “lugar”, “posição”, “local”. Representa o “lugar”. Para os povos ameríndios a **Amazônia** representa a sua casa coletiva, seu lugar por excelência.
- 10 - **O Papa** Francisco recorda que já Bento XVI havia denunciado “a devastação ambiental da Amazônia”. Os povos originários, afirma, sofrem uma “sujeição” seja por parte dos poderes locais, seja por parte dos poderes externos. Para o Papa, as operações econômicas que alimentam devastação, assassinato e corrupção merecem o nome de “injustiça e crime”. E com João Paulo II, reitera que a globalização não deve se tornar um novo colonialismo.
- 11 - **Por fim, o sonho social é um apelo à defesa** e comprometimento com a justiça socioambiental. O sonho social desafia toda a Igreja a assumir a causa dos pobres da Amazônia e ajudá-los a defender este território sagrado onde Deus mora com seu povo na simplicidade, na ternura fraterna, na contemplação, no silêncio, nas lutas.

Sugestões de vídeos para aprofundar o tema:

Apresentação da *Querida Amazônia*:

<https://www.youtube.com/watch?v=QkUIDZXIHjA>

O Sonho na Tradição dos Povos Indígenas:

O Sonho do Xamã [Raízes Caboclas]:

<https://www.youtube.com/watch?v=YdDrywsiawU>

Introdução com todos os sonhos:

<https://www.youtube.com/watch?v=kVywDAMbqXU>

Sonho social: Síntese do documento [26 minutos]:

<https://www.youtube.com/watch?v=H7SpWVzEpbM>

A Última Floresta IMAGEM DOS POVOS Histórias para Adiar o Fim do Mundo:

<https://www.youtube.com/watch?v=kJmGUyC4QEQ>

Por Trás de Belo Monte/; <https://youtu.be/pd-W6PKdvPA>

Volta Grande: <https://youtu.be/2-AAmBWa5H4>



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco

Sonho Cultural – chaves de leitura

Pe. Ricardo Castro¹

O Sonho de Deus na Criação

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Em tempos caóticos de desestruturação social e natural, ansiamos por um mundo possível no qual todos caibam. As Escrituras nos dizem que este sonho, sonhado pelas mães e pais na fé, só pode acontecer em um nível comunitário, planetário e até universal. Um novo céu e uma nova terra. A nova Jerusalém.

Hoje somos bombardeados por uma gama muito grande de informações sobre os impactos do antropoceno sobre a mãe natureza. Como podemos saber se todos esses fatos [sobre as mudanças climáticas] Como podemos saber de todos esses fatos e ainda ter esperança? Ainda poderemos ser salvos das catástrofes climáticas preconizadas pela ciência e pelos ecologistas?

A fé e a esperança estão enraizadas na convicção de que, independentemente de quão dramáticas as coisas possam ser, uma nova história está esperando para acontecer – algo que ainda não vimos, sentimos ou experimentamos. O Deus da vida está nos chamando – como cidadãos e cidadãos planetários, irmãos e irmãs - para trabalhar com Ele para defender essa nova história. Sonhar o sonho de Deus para toda a humanidade.

Contudo, estamos espiritual e fisicamente enfermos, dependentes e viciados ao trabalho, à produção, ao consumo, à pressa, à ansiedade e ao celular. Estamos em um transe doentio que nos impede de perceber essa nova história, ela permanece invisível. O pesadelo em que vivemos nos impede de libertar o nosso futuro das garras do combustível fóssil – nosso vício é muito forte, as opções acessíveis são poucas e os poderes que defendem o status quo são poderosos de fato. Não podemos ser libertados sem nos desprender dessa pedra de moinho que nos leva para o

¹ - Itepes/FSDB – Manaus, Assessor da REPAM-Brasil.

fundo do lodo. Precisamos sonhar e começar a viver uma nova história, mudando a perspectiva humana [de destruição] e restaurando a viabilidade da criação.

Só podemos aceitar o convite de Deus para desbravar novos caminhos para a humanidade, se estivermos dispostos a agir individualmente e em redes de fraternidade e sororidade, em comunidade e movimentos. Tornamo-nos parceiros de Deus quando somos capazes de escutar nossa ancestralidade, revisitar seus sonhos, atualizá-los de modo alternativo no presente, nos preparando para o salto evolutivo no futuro – uma nova humanidade planetária. Esta dinâmica onírica nos levará à valorização da resiliência dos povos indígenas em lugar de simplesmente desenvolvimento e progresso antropoceno. Uma vida de simplicidade no lugar de consumo. A sabedoria no lugar de progresso. O equilíbrio no lugar das patologias e dependências capitalistas e tecnocráticas. A simplicidade e o complexo em lugar do excessivo, da imediatez e da liquidez. A construção de uma visão de mundo possível em lugar de conveniências, privilégios e meritocracias. A responsabilidade em vez de desconsideração com o agora e com as futuras gerações. Amor revolucionário, da não violência ativa de Gandhi, Luther King, Chico Mendes e Dorothy, em vez do medo egocêntrico e indiferente aos pobres da terra.

E Deus olhou para sua criação colocada em nossas mãos humanas e viu que ainda não aprendemos a cuidar de nossa Casa Comum, podemos transformá-la em um grande inferno para todos. Mas, Deus sonha que nós humanos possamos ainda nos tornar os jardineiros de sua obra criadora, sustentada pela espiritualidade do corpo e da terra. O sonho de Deus prevê um mundo justo em paz porque a gratidão pode dissolver a ansiedade e a generosidade pode superar a ganância. Deus sonha com uma época em que o amor e o respeito mútuo unirão a humanidade, e a profunda beleza da criação será valorizada. Vamos abraçar o sonho de Deus como se fosse nosso. De repente, o horizonte de nossa esperança se aproxima. Conforme vivemos no sonho de Deus, vamos redescobrir quem realmente somos e com toda a criação cantaremos o Cântico das Criaturas do Pobrezinho de Assis.

O Sonho Cultural da Amazônia

O objetivo deste sonho é promover a Amazônia, ou seja, fazer de modo que ela própria extraia o melhor de si mesma. Isto envolve processos educativos, espiritualidades, vida em comunidade: cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir. As culturas amazônicas são portadores de uma mensagem ainda não escutada e que estão ameaçadas hoje mais do que nunca.

O que é cultura amazônica? É como nós amazônidas definimos nossa humanidade, como nos organizamos como sociedade nas diversas funções sociais elaboradas ao longo de nossa história.

É como convivemos, regulamos nossos relacionamentos, tomamos decisões e dizemos o que é certo e errado. É como por meio de nossos símbolos, rituais e mitologias elaboramos os sentidos, o significado, o valor e o que é de fato o real. É como interpretamos a vida e o mundo, damos sentido à vida.

Várias culturas fazem parte dos povos que aqui habitam por milênios e outros que vieram morar aqui ao longo da colonização que fizeram nascer a interculturalidade. O nosso sonho cultural será intercultural devido às três grandes bases culturais que se entrelaçam para exprimir a identidade amazônica: a cultura indígena, a interculturalidade cultural e a cultura dos imigrantes. Na sua força dinâmica hoje também é preciso levar em conta o processo de urbanização, que nasce dos fluxos migratórios contemporâneos, nas cidades do interior e nas capitais da Amazônia.

O olhar sobre a história vivida até aqui, traz um convite para decolonizar nossa história. A aceitação e o reconhecimento das diferenças culturais presentes no país transformam-se em marco fundamental desse processo de decolonizar. Mas não basta afirmar as diferenças. É preciso dizer o que as constitui para que a construção sempre dinâmica de nossa identidade se faça com os pés no chão. O nosso grande desafio é contrapor ao método da exclusão, da imposição, da manipulação – elementos substanciais da cultura autoritária colonial – o método da participação, das decisões coletivas, da socialização das informações, da convivência das diferenças, desencadeando processos alternativos para a formação de uma sólida cultura democrática, é o que constrói nossos sonhos.

O sonho cultural da Amazônia está em seu arcabouço mitológico. Em cada narrativa do corpo mitológico amazônico encontra-se um aspecto, um núcleo que encerra uma verdade estrutural, um arquétipo. Os mitos são de alguma forma o modo como projetamos nossa relação com a natureza e compreendemos suas múltiplas funções: nascimento, vida, morte, ódio, amor, maternidade, paternidade, relacionamentos, saúde, doença, guerra e paz, enfim, tudo que é típico do ser humano em qualquer tempo e lugar. Os conteúdos mantêm sua forma básica, o que varia é a roupagem que caracteriza cada época e lugar. Nesses termos a mitologia é universal, comunga entre si os mesmos conteúdos. Mitos são forças arquetípicas naturais e espontâneas que emergem em nós sempre que se faz necessário. Se prestarmos atenção em nós mesmos, veremos que o mito não é algo do passado, encontra-se de forma viva e atuante nos sonhos, nas fantasias, imagens, visões, nas artes em geral. Nascem espontaneamente. Mitos são individuais e coletivos. O mito não se opõe ao científico, ao contrário, este seria sua própria mãe. O objetivo do mito, assim como da ciência, é a explicação do micro e do macrocosmo, tornar os fenômenos da vida compreensíveis. Dar sentido e finalidade aos elementos do universo.

Os mitos amazônicos expressam a ideia fundamental de que o universo deve estar em equilíbrio, uma vez que essa é a razão da existência, conviver o universo em harmonia. As partes mais importantes da natureza são habitadas por seres sobrenaturais. Estes aspectos levam à luta pela

sobrevivência, na conservação de suas culturas, no sustento e na resistência a todas as formas destruidoras que lhes são infligidas, desde o extermínio dos séculos passados, até a manipulação de seu saber e até mesmo de suas vidas pelas sociedades pós-modernas.

Os mitos ribeirinhos estão diretamente ligados a situações que envolvem a relação do ser humano com a natureza. O mito se funda sobre uma experiência concreta que transforma o agir, o modo de pensar e sua postura frente à vida. Os fatos relatados são verdades vividas pelos narradores. Entre os muitos seres das florestas e das águas, são registrados os curupiras, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; os anhangás, “visagens”, na linguagem regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; a cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu de grande porte, mas que também pode aparecer sob a forma de um “navio encantado”; as matintasperera, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo (bicho de estimação); os botos, que se acredita sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. Embora tenham fama de sedutores de mulheres, os botos são particularmente temidos por seu poder maligno; os companheiros de fundo, “encantados” que habitam o fundo dos rios e igarapés; e as mães de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal.

Existem também as visagens. Em geral, estão associadas a determinados lugares da natureza: rio, igarapé, ou um trecho da mata. A malineza resulta do fato de que as visagens dominam ou controlam uma área do ambiente natural, a mata e os rios. Essas entidades protegem os animais da floresta, das águas e os seres humanos, sendo conhecidos pelas suas proezas e aparições.

O papel das festas populares, como a de Nossa Senhora de Nazaré, Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Carmo, trazidas até este contexto pelos missionários católicos, parece manter e organizar a mistura de diferentes identidades e crenças que refletem de modo geral as imagens arquetípicas, presentes no sincretismo da religiosidade popular. Essa religiosidade, além de ser uma motivação para a atividade religiosa e a devoção, aparece também como um ajustamento entre as ações do ser humano a uma ordem cósmica imaginada e projetada no plano da experiência humana. Esse arquétipo se aplica ao feminino da psique humana, e assim sendo, é presente mesmo em tradições predominantemente masculinas, como é o caso do cristianismo. Na imagem da Yara, Mãe das Águas e de Nossa Senhora, e das suas muitas faces, percebemos o arquétipo da Grande Mãe como protetora, defensora, sustentadora e mantenedora da natureza e da humanidade.

A divindade vem sempre representada pela cultura sob o simbolismo paterno e materno. Este simbolismo está a serviço de dois tipos religiosos fundamentais: um ctônico [telúrico], orientado para a terra, a vida, a geração, os mistérios da morte: é a religião maternal. O outro é mais urânico [celestial], orientado para o céu, a infinitude, a transcendência: é a religião paternal.

As práticas que dão acesso a esta relação direta e pessoal podem ter caráter individual, como oração, novenas, práticas de piedade diante de imagens de santos, ou coletivo [como festa, procissão]. O devoto entra em contato com seu santo, para alcançar dele vantagens concretas, viáveis. Os santos se engajam a favor dos seus devotos nas dificuldades deste mundo: doenças, problemas de família, assuntos de amor e desemprego. Nesse caso, a relação com o sagrado é, também, direta, sem mediação da Igreja. Uma religiosidade bem democrática, em que o devoto não precisa da autoridade eclesial para cultuar seu santo de devoção.

Sonhando o sonho intercultural amazônico

Sonhamos o resgate de elementos integradores das relações perdidas com a terra, como o nosso NÓS, com a vivência comunitária. Sonhamos com uma imagem de Deus miscigenada [indígena, ribeirinha e preta]. Sonhamos com uma espiritualidade a partir de nossas culturas e da alma amazônica. Sonhamos a vivência de nossa condição humana no ritmo dos rios e florestas. Sonhamos com uma maior harmonia e integração com a natureza/terra/água/florestas e animais. Sonhamos com as festas: celebrar o sagrado da vida. Sonhamos com a valorização e o respeito pelos lugares sagrados da natureza (rios, florestas, pedras e montanhas). Sonhamos com a valorização e respeito com os nossos sábios: pajés, xamãs, benzedeiros, avós, idosos, pais, mães, padrinhos e madrinhas. Sonhamos com a valorização e respeito pela nossa arte de cozinhar, nossa medicina tradicional, natural, holística. Sonhamos com uma educação de qualidade que valorize nossos saberes para melhor vivenciar a nossa própria identidade para dialogar com o Outro. Sonhamos com a não violência como um modo de ser amazônica. Sonhamos com uma convivência que se forja na conversa dos terreiros, nos apadrinhamentos, na interdependência solidária. Sonhamos com um mundo no qual o mais importante não seja acumular, mas viver do suficiente, na solidariedade e na partilha. Sonhamos com um Deus que está presente em todas as coisas e engloba toda a vida, com a natureza como reino dos encantados, com o atravessar e navegar nos rios da Amazônia como paradigma de vida, fazer memória de nossos ancestrais indígenas e africanos, mártires da fé e nossos santos de devoção.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CASTRO, Ricardo. **Amazônia, Novos caminhos nas relações entre homem e mulher**, São Paulo: Paulinas, 2020.

DOCUMENTO FINAL, AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.pdf>

ELIADE, Mircea. **Mitos, Sonhos e Mistérios**, Lisboa: Edições 70, 1957.

GALVÃO, Eduardo. **A vida religiosa do caboclo da Amazônia**. Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia, n. 15, 1953.

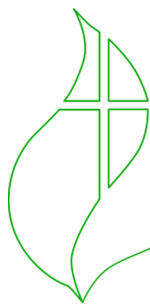
LÉVI-STRAUSS Claude. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. São Paulo, CosacNaify, 2004.

LÉVI-STRAUSS Claude. **Do mel às cinzas**. Mitológicas 2. São Paulo: CosacNaify, 2004.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: Uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP.

PAPA FRANCISCO. **Querida Amazônia**, São Paulo: Paulus, 2020.



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco

Sonho Ecológico – chaves de leitura

Ima Vieira¹

O Documento Final e a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia* voltam ao tema da “ecologia integral”, proposto pela *Laudato Si'*, tornando-o um marco referencial que nos convida a caminhar para a “cultura do cuidado”, pois o que acontece no bioma amazônico não é estranho ao que acontece no resto do planeta, já que tudo está interligado.

Educar na perspectiva da ecologia integral²

O debate ambientalista defende a urgência de conscientizar a população sobre os problemas ambientais que ameaçam a vida no planeta. A educação passa a ser valorizada como agente difusor dos conhecimentos sobre o ambiente, induzindo à mudança dos hábitos e comportamentos. A educação ambiental surge como um possível caminho para promover mudanças.

Justiça Ambiental

É o cuidado para com o ser humano em seu habitat natural, envolvendo cuidado pela vida natural em toda sua diversidade; a justiça socioambiental é a concepção englobante de todos esses cuidados.

O conceito de justiça socioambiental pode ser considerado como um mecanismo operacionalizador da prática de ecologia integral. Entende-se por Promoção da Justiça Socioambiental (PJSA):

Todas as ações que têm como objetivo colaborar para a superação das injustiças presentes em nossa herança histórica e reproduzidas pelo atual modelo de desenvolvimento extrativista e financeiro, gerador de desigualdades sociais e de agressões ambientais inomináveis³.

1 - Ecóloga, Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

2 - Mais informações: https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ecologiaintegral_vol2.pdf

3 - Para saber mais: <http://www.olma.org.br>

Exortação *Querida Amazônia*⁴

O sonho ecológico - Na Exortação *Querida Amazônia*, o Papa põe em evidência o seu sonho ecológico. Para uma “realidade cultural como a Amazônia, em que existe uma relação tão estreita do ser humano com a natureza, a vida diária é sempre cósmica. Libertar os outros das suas escravidões implica certamente cuidar do meio ambiente e defendê-lo” (n. 40). Aqui, o sentido que as questões ecológicas adquirem é o de um debate socioambiental mais amplo, que envolve o diálogo inter-religioso, a cooperação internacional, especialmente dos países que dividem o território amazônico – iniciativas essas sempre conjugadas com a “sabedoria ancestral” dos povos da Amazônia, procurando “intervir de forma sustentável, preservando ao mesmo tempo o estilo de vida e os sistemas de valores dos habitantes” (n. 41). O Papa afirma que “a grande ecologia sempre inclui um aspecto educativo, que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos” (n. 42). A cultura do descarte e do consumismo, já internalizada em boa parte da sociedade atual, deverá dar lugar a uma política sustentável e transformadora, que saiba respeitar o meio ambiente, estabelecendo com ele uma relação de fraternidade.

Ouvir o grito da Amazônia – Para o Papa, é urgente ouvir o “grito da Amazônia”. Recorda que o equilíbrio planetário depende da sua saúde. Escreve que existem fortes interesses não somente locais, mas também internacionais. A solução, portanto, não é “a internacionalização” da Amazônia; ao invés, deve crescer “a responsabilidade dos governos nacionais”. O desenvolvimento sustentável requer que os habitantes sejam sempre informados sobre os projetos que dizem respeito a eles e auspícia a criação de “um sistema normativo” com “limites invioláveis”. Assim, Francisco convida à “profecia da contemplação”. Ouvindo os povos originários, destaca que podemos amar a Amazônia “e não apenas usá-la”; podemos encontrar nela “um lugar teológico, um espaço em que o próprio Deus se manifesta e chama os seus filhos”.

A última parte do terceiro capítulo é centralizada na “educação e hábitos ecológicos”. O Papa ressalta que a ecologia não é uma questão técnica, mas compreende sempre “um aspecto educativo”.

4 - https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco

Sonho Eclesial [61-110] – chaves de leitura

“Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.”

Pe. Justino Sarmiento Rezende¹

A nossa existência possui uma circularidade em diferentes tempos, o *passado* e o *presente*. Neles os nossos sonhos se tornam realidades e outros ainda não. O Papa Francisco ensina que não devemos perder a capacidade de sonhar, entendido por ele como uma porta e um caminho. O nosso Papa é como um *Kumu*² – mestre de cuidado da maloca e seus moradores. O *Kumu* reflete sobre a vida no cosmo sozinho e como seus irmãos *Kumua*. Colocam seus sonhos em comum para deleitarem e apontarem caminhos para a solução de problemas e o aperfeiçoamento das ações boas. O Papa Francisco como um *Kumu* a partir de *sonho eclesial* quis ouvir os povos da Amazônia [Escuta], na reunião ouviu várias vozes [Sínodo] e assumiu para si e para a Igreja sonhos bons e que nós devemos concretizá-los.

Aponto algumas chaves de leitura:

- 1 - CAMINHAR junto com os povos da Amazônia.
- 2 - Igreja com ROSTO AMAZÔNICO: encontro, harmonia, pluriforme.
- 3 - Anunciar JESUS CRISTO [62-65] – resposta aos desejos amazônicos.
- 4 - Promoção dos DIREITOS HUMANOS, dignidade humana, do anúncio na Amazônia [64-65].
- 5 - A inculturação da fé [66-69] na Amazônia que RESPEITE A TRADIÇÃO, compreendida como a raiz de uma árvore que cresce e não como depósito estático e peça de museu; fogo vivo e aceso.
- 6 - INCULTURAÇÃO como uma FECUNDAÇÃO do Espírito Santo.

1 - Indígena do povo *Htãpinopona* [Tuyuka], missionário salesiano, perito do Sínodo para a Amazônia: Espiritualidade indígena e Pastoral inculturada.

2 - Em língua tuyuka e tukano: *Kumu* é um especialista para meditar, fazer enunciados necessários para bons benzimentos, cura, proteção, etc.

- 7 - Sonhar em NOVOS MODELOS DE IGREJA na Amazônia – o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural.
- 8 - Caminhos de Inculturação na Amazônia [70-74] – ESCUTAR a SABEDORIA ANCESTRAL AMAZÔNICA; idosos, narrativas dos povos da Amazônia, caráter sagrado da vida humana, autêntica qualidade de vida = “bem viver”, sobriedade feliz.
- 9 - Apreciação da ESPIRITUALIDADE INDÍGENA da interconexão e interdependência de toda a criação, espiritualidade de gratuidade.
- 10 - Inculturação SOCIAL E ESPIRITUAL [75-76], conexão íntima entre a evangelização e promoção social.
- 11 - SANTIDADE AMAZÔNICA [77-80] na sua originalidade, de encontro, dedicação, contemplação, serviço, solidão acolhedora, vida comum, jubilosa sobriedade, luta pela justiça; santidade comunitária com seu catolicismo popular, vida indígena [símbolo] vivida com o seu sagrado.
- 12 - Inculturação da liturgia [81-84]: CONEXÃO DA CULTURA dos povos nativos, sacramento, caminho que une o divino e o cósmico, graça e a criação; EXPRESSÕES AUTÓCTONES: cantos, danças, ritos, gestos e símbolos; espiritualidade cristã interligada ao repouso e festa; dimensão receptiva e gratuidade; SADIO LAZER CONTEMPLATIVO; sacramento, compreensiva, consoladora e integradora.
- 13 - A Inculturação do ministério [85-90]: DIVERSIDADE CULTURAL exige RESPOSTA ESPECÍFICA e corajosa da Igreja; ministros compreensivos, sensíveis às culturas amazônicas; encontrar um modo para assegurar o ministério sacerdotal; não privar os povos amazônicos da Eucaristia e do sacramento do perdão; formação permanente ao diálogo com as culturas amazônicas.
- 14 - COMUNIDADES CHEIAS DE VIDA [91-98]: *unidade* da Igreja representa a riqueza de dons; sacerdotes, diáconos permanentes, religiosos, leigos; maturação bíblica, doutrinal, espiritual e prática; *Igreja de rostos amazônicos* requer responsáveis estáveis; cultura eclesial própria, *marcadamente laical*; pessoas consagradas que ponham em jogo a CRIATIVIDADE, a audácia missionária, sensibilidade e vida comunitária forte; comunidades eclesiais que defendam os direitos humanos, exerçam o anúncio missionário e vivam a espiritualidade; pastoral de conjunto – REPAM; sonho de comunidades estáveis e mobilidade interna.
- 15 - A força e o dom das MULHERES [99-103]: presença de mulheres fortes e corajosas na vida missionária e sacramental, dedicação e fé ardente, sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe; estimular o surgimento de outros serviços e carismas femininos: exercício de funções eclesiais que não requeiram a Ordem sacra; guia das comunidades.

- 16 - Ampliar HORIZONTES para além dos conflitos [104-105]: a Amazônia desafia-nos a superar perspectivas limitadas, soluções pragmáticas [enclausuradas] em aspectos parciais das grandes questões para buscar CAMINHOS MAIS AMPLOS e OUSADOS de inculturação.
- 17 - A CONVIVÊNCIA ecumênica e inter-religiosa [106-110]: em uma AMAZÔNIA PLURIRRELIGIOSA, os crentes precisam encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e a promoção dos mais pobres.

Nós que estamos na Amazônia devemos concretizar esses *Sonhos Eclesiais*. Todos devem se esforçar. Nós assistimos algumas danças indígenas coletivas. Tem um soprador principal, ele sopra algumas notas e os demais complementam a melodia, soprando as flautinhas que o soprador principal não soprou. Só assim se cria uma melodia e harmonia, de sons e de passos. Na nossa Igreja também acontece isso, nós não fazemos tudo sozinhos, outras pessoas fazem o que deixamos de fazer. No final tudo fica completo. Numa dança indígena todos dançam dando os mesmos ritmos. Não ficaria bem se cada um dançasse de seu jeito. É hora de sermos corajosos, criativos, audaciosos, cheios de espiritualidade comunitária.

ANEXOS:

A lenda do Filtro dos Sonhos – Conto Indígena: <https://www.youtube.com/watch?v=33UZoWpsEog>

Papa: não perder a capacidade de sonhar: <https://www.youtube.com/watch?v=ywqO6-4Nf9Q>

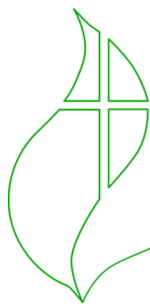
Nossa vida é missão. Hino missionário amazônico: <https://www.youtube.com/watch?v=qE0j6Uj3a6c>

Dança Cariço. Povo indígena Tuyuka: https://www.youtube.com/watch?v=mUux_Pt1Ael

Cantos Tuyuka – Grupo Cultural do Bairro Thiago Montalvo: https://www.youtube.com/watch?v=r-rhk31D3_Bk



Direitos dos povos da Amazônia à luz do Sínodo



Direitos dos Povos nos Documentos do Sínodo - Texto-Base

Felício Pontes Jr.¹

O Documento do Sínodo para a Amazônia confirma a evolução da Igreja Católica na promoção dos direitos ambientais e dos povos e comunidades da região. O primeiro documento dos bispos da Amazônia brasileira foi a **Carta de Santarém de 1972**. Nela, havia a **denúncia** profética contra o **modelo de desenvolvimento imposto pelo regime ditatorial** que não levava em consideração nem o meio ambiente nem seus habitantes.

O Encontro de Santarém foi o marco inicial. Na proporção em que aumentava a degradação ambiental e social, cada novo documento tornava-se mais contundente. Merecem destaque os encontros do episcopado latino-americano, em particular os **Documentos de Puebla e Aparecida**.

O ponto culminante foi a **Encíclica Laudato Si'** [2015]. A **Amazônia**, mencionada duas vezes, **é retirada da periferia do Planeta para ser conduzida ao centro**. Sua participação na regulação climática mundial une ciência e religião. Sua degradação afeta os povos da floresta e de todos os continentes. Sua recuperação é urgente.

O Documento do Sínodo para a Amazônia prosseguiu nessa evolução. Ele contém **três pilares jurídicos inovadores** com o intuito de salvar a Amazônia e seus povos: **(i) a adoção do Pluralismo;** **(ii) o respeito aos indígenas isolados;** e **(iii) o reconhecimento do direito da natureza**.

O **Pluralismo** reconhece a sociedade amazônica como **pluriétnica e multicultural**. Na prática significa respeitar os direitos das minorias. Trata-se de uma **nova relação sociedade hegemônica-minorias**, que se realiza por meio da **interculturalidade** [n. 33, 55, 98]. Ou seja, reconhece-se a importância dos grupos minoritários para as decisões estatais. E mais, o Estado deve internalizar as diversas cosmovisões nas estruturas institucionais. O conhecimento das minorias deve ser valorizado como dádiva à humanidade. A **doutrina colonialista** que defendia “a imposição de certos modos de vida de alguns povos sobre outros, seja economicamente, culturalmente ou religiosa-

¹ - Procurador Regional da República. Assessor da REPAM-Brasil. Auditor do Sínodo para a Amazônia.

mente” [n. 55], não mais prevalece. “No momento atual, a Igreja tem a oportunidade histórica de se diferenciar das novas potências colonizadoras, escutando os povos amazônicos para exercer com transparência sua atividade profética” [n. 15].

O pluralismo está baseado em **três direitos fundamentais**: a **autodeterminação**; a **demarcação dos territórios**; e a **consulta prévia, livre e informada**. Todos eles estão expressos no Documento do Sínodo para a Amazônia [n. 47].

Pela **autodeterminação**, os povos e comunidades “deverão ter o direito de escolher suas próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que ele afete as suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, o seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural” [Convenção 169/OIT, art. 7º, 1]. Assim, não cabe impor modelos de desenvolvimento, ainda que seja da maioria, sobre as minorias étnicas ou culturais.

A **demarcação dos territórios** é tão fundamental que deve ser encarado como *direito alicerce*. Ele sustenta os demais direitos, como saúde, educação, segurança alimentar, cultura... E não se trata de um direito restrito aos povos indígenas. “Mestiços, ribeirinhos, camponeses, quilombolas e/ou afrodescendentes e comunidades tradicionais” são sujeitos desse mesmo direito [n. 47]. Sua importância pode ser sintetizada na frase da líder indígena Sônia Guajajara diante do Congresso Nacional em 2014: “Nós não negociamos direitos territoriais porque a terra, para nós, representa a nossa vida. A terra é mãe, e mãe não se vende, não se negocia. Mãe se cuida, mãe se defende, mãe se protege”.

O **direito à consulta prévia, livre e informada** é garantia de que todas as vezes que um projeto de lei ou um plano do governo ou de uma empresa, como rodovia, hidrelétrica, ferrovia, mineração..., atingir um povo indígena, quilombola ou tradicional, estes devem ser consultados antes de o projeto/plano ser aprovado [Convenção 169/OIT, art. 6º, 1, a]. Ele é o meio pela qual se exerce um verdadeiro diálogo intercultural.

O **segundo pilar jurídico** inovador trata dos **direitos dos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário (PIAV)** ou Povos Indígenas em Isolamento e Contato Inicial [PIACI] [n. 49]. Também foram chamados de “isolados”, “arredios”, “brabos”, “hostis”, “sem contato”, “afastados” e “livres”. Causam grande curiosidade pelo fato de evitar contato com outros povos. E aí reside sua principal característica. Não são povos que “não foram achados” por nossa sociedade hegemônica, mas que, voluntariamente, fogem do contato.

Os motivos para a ausência de relações com as sociedades nacionais ou baixo nível de contato com as mesmas dependem de cada povo. De um modo geral, o isolamento é interpretado como a ocorrência passada de doenças que causaram epidemias mortais, ou de submeter-se à violência física, ou à degradação ambiental que retira os recursos necessários à sobrevivência.

Pode ser também por preservação cultural. Enfim, interpreta-se o isolamento como receio de que o contato possa comprometer sua continuidade histórica.

Dentre os documentos internacionais que determinam a proteção jurídica aos índios isolados, destacam-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos [1948], a Convenção 169/OIT [1989], e a Declaração das Nações Unidas sobre Povos Indígenas [2007].

O Documento do Sínodo para a Amazônia encampou todos esses documentos jurídicos e reconheceu a responsabilidade das Igrejas locais “em ações específicas de defesa de seus direitos, em ações de incidência para que os Estados assumam a defesa de seus direitos através da garantia legal e inviolável dos territórios que tradicionalmente ocupam” [n. 50]. Aduziu que “o respeito pela sua autodeterminação e pela sua livre escolha sobre o tipo de relações que querem estabelecer com outros grupos deve ser sempre garantido” [n. 50].

Por fim, no **terceiro pilar jurídico** inovador, o Documento do Sínodo para a Amazônia dá um salto importantíssimo na defesa do meio ambiente: reconhece os **direitos da natureza** [n. 74, 84].

Quando os primeiros abolicionistas brasileiros do século XVIII proclamaram os **escravos como sujeitos de direitos** foram ridicularizados. No mesmo sentido, os defensores do **direito ao voto para mulheres e pobres**, no século XX. Em todos os casos, a sociedade obteve incalculáveis ganhos.

Agora a humanidade caminha para o reconhecimento da natureza como sujeito de direito. A visão **antropocêntrica utilitária** está superada, o que significa dizer que os humanos não podem mais submeter os recursos da natureza a uma exploração ilimitada, que colocou em risco a própria humanidade. Daí a necessidade de impor **limitações éticas e ecológicas** à ação humana.

O **ponto de inflexão**, de onde não poderemos mais voltar em relação à Amazônia, é quando o **desmatamento** passar de **20% a 25%**. Já chegou a 17% na Pan-Amazônia; e na parte brasileira, a 20%. A consequência será um processo de *savanização* do bioma, afirmam os cientistas.

A primeira menção sobre os “direitos da Natureza” foi em 1972, quando foi publicado o artigo “As árvores devem ter direitos?” [*“Should Trees Have Standing?”*], do professor norte-americano Christopher Stone. Desde então, intensificaram-se debates entre juristas, teólogos, filósofos, biólogos...

Hoje, há o reconhecimento da natureza como sujeito de direito em diversas legislações municipais nos Estados Unidos, e na Convenção sobre a Diversidade Biológica, assinada no Rio de Janeiro, durante a ECO-92.

Nas **Constituições da Bolívia e do Equador**, esta tese já foi encampada: “A Natureza ou *Pacha Mama*, na qual se reproduz e realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos” [art. 71, Constituição do Equador].

No campo da **jurisprudência**, destaca-se uma decisão da Corte Constitucional da Colômbia,

em 2018. Em uma ação proposta por 25 jovens, o governo foi condenado a apresentar um plano para **zerar o desmatamento da Amazônia colombiana**, que é responsável, dentre muitas outras coisas, pelo abastecimento de água da capital, Bogotá.

O caminho para esse reconhecimento já estava aplainado pela **Encíclica mais lida na História da humanidade** quando diz que “a Bíblia não dá lugar a um **antropocentrismo despótico**, que se desinteressa das outras criaturas” [LS, 68]. Faltava apenas o reconhecimento oficial da natureza como sujeito de direitos, e o Documento do Sínodo para a Amazônia o fez [n. 74, 84]. Mas não apenas isso: reconheceu-se que o modelo de desenvolvimento que se estabeleceu na região é **predatório** e **ecocida** [n. 46]. Nesse ponto o Direito foi superado. Juristas tentam há mais de uma década que o Estatuto de Roma inclua o ecocídio entre seus crimes, sem lograr êxito.

À guisa de **conclusão**, a Igreja Católica manteve a evolução no campo da promoção dos direitos ambientais e dos povos da Amazônia. Em se colocando em prática os ensinamentos dos padres sinodais, é possível sonhar com a **passagem** mais célere **de uma sociedade colonialista para uma sociedade pluralista**.

Para Aprofundar

1 - Pluralismo, Autodeterminação e Consulta Prévia

<http://escola.mpu.mp.br/publicacoes/obras-avulsas/e-books-esmpu/convencao-n-169-da-oit-e-os-estados-e-banner-convencao-n-169-nacionais>

2 - Direitos da Natureza

<https://www.jesuitasbrasil.org.br/2020/12/08/lancamento-do-livro-direitos-da-natureza-marcos-para-a-construcao-de-uma-teoria-geral/>

3 - Conflitos Socioambientais

https://ead.trf1.jus.br/esmaf/pluginfile.php/7036/mod_resource/content/9/COLET%C3%82NEA%20AMBIENTAL%20Edi%C3%A7%C3%A3o%202.pdf



REPAM
REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA
BRASIL